

**LENIR MARISTELA  
SILVA**

**Percursos de uma  
educadora e os desafios  
na universidade**



*Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do passado  
antes que o tempo passe tudo a raso.*

Cora Coralina

Memorial apresentado à CPPD/UFPR como  
Requisito à progressão a Professora Titular

Matinhos, inverno de 2019

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>3</b>
<b>Um caminho que não foi escolha, mas que me encontrei: educadora .....</b>	<b>5</b>
<b>O tripé de engajamento obrigatório dos docentes universitários: Ensino, Pesquisa e Extensão.....</b>	<b>12</b>
<b>Ensino: das disciplinas na educação bancária às mediações de aprendizagens emancipatórias.....</b>	<b>12</b>
<b>Extensão: do precário ao fortalecido e comprometido projeto institucional .....</b>	<b>18</b>
<b>Pesquisa: do desejo ingênuo à luz do real concreto de ser pesquisadora no Brasil .....</b>	<b>28</b>
<b>Cargos administrativos e homenagens.....</b>	<b>33</b>
<b>E agora?.....</b>	<b>36</b>

## Apresentação

"Nós temos uma noção muito patriarcal e fálica do que é o conhecimento. Fazemos muitas coisas, mas há uma hierarquia: aquilo que está ligado à academia é o verdadeiro conhecimento e a verdadeira profissão. Depois, nós nos especializamos numa coisa, depois fazemos um mestrado, um doutorado... É uma coisa bem fálica que vai crescendo, crescendo, crescendo. Eu acho que a coisa é muito mais cíclica, mais circular, em que nosso conhecimento atravessa muitas diferentes disciplinas e está em diálogo com diferentes formatos".

Grada Kilomba<sup>1</sup>

Em minha formação inicial na licenciatura eu gostava muito mais das aulas das áreas da Biologia, da Química e da Física do que das disciplinas de Ciências Sociais e Humanas. O despertar para essas áreas foi em função de que quando eu passei ao exercício profissional eu não me conformava com o modelo educacional. Tinha o desejo de mobilizar mais os estudantes para o aprendizado. Porém, eu considerava muito assépticas as teorias educacionais que os professores nos traziam nos cursos de formação continuada. Me incomodava o vocabulário usado para se referir as coisas simples dos processos cotidianos da escola. Dialogava com meus colegas e só ouvia deles críticas sobre as formações que recebíamos. Mas eu nunca desisti de compreender o sentido da educação e segui minha caminhada estudando muito e tentando encontrar a conexão entre as áreas do conhecimento e a realidade concreta da escola e da universidade.

Porque coloco aqui na apresentação essa reflexão? Porque ela justifica o meu modo de escrita simples nesse memorial, pois eu penso que qualquer coisa pode ser dita de um modo compreensível para a maioria das pessoas. Como pretendo distribuir esse memorial para pessoas de todos os níveis educacionais com quem trabalhei, para mim faz todo o sentido essa linguagem. Aprendi a “duras penas” os fundamentos da educação e não considero que seja necessário isso, aliás considero um atraso o exagero de vocabulários rebuscados nas escritas das Ciências de modo geral. Outro dia lendo “A Classe Média no Espelho” do Sociólogo Jessé de Souza<sup>2</sup> me deparei com uma afirmação interessante. Ele argumenta que a linguagem “difícil” da maioria dos produtores de conhecimento ocorre para marcar diferenças sociais e acentuar o sentimento narcísico de superioridade em relação aos não iniciados. Edgar Morin

---

<sup>1</sup> Em entrevista ao jornal El País, após a abertura de sua exposição “Desobediências Poéticas” na Pinacoteca em São Paulo. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138\\_634355.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html) . Acesso em 13/09/2019.

<sup>2</sup> Souza, Jessé. **A classe média no espelho**: Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

na obra “Ciência com Consciência”<sup>3</sup> sobre isso faz uma analogia entre a demarcação de território das focas ao urinar com os textos incompreensíveis dos especialistas de uma área para outra. Evidentemente, que há exceções, mas essa deveria ser uma preocupação dos educadores.

Relato aqui na sequência, um pouco da constituição da minha identidade de educadora ao mesmo tempo em que a relaciono com o Ensino, a Extensão e a Pesquisa, afinal dos 36 anos de atuação no campo educacional, 25 anos foram no Ensino Superior.

---

<sup>3</sup> MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Lisboa: publicações Europa-América, 1982.

## Um caminho que não foi escolha, mas que me encontrei: educadora

*Cada pessoa deve trabalhar para o seu aperfeiçoamento e, ao mesmo tempo, participar da responsabilidade coletiva por toda a humanidade.*<sup>4</sup>

Marie Curie

**N**asci em 14 de janeiro de 1964 em Amaporã/PR, mas meus pais nasceram em Santa Catarina. Sou a caçula de cinco filhos e descendente de imigrantes europeus (Lorenz, Ropelatto, Schmidt, Buzanello, Silva),



1 ano depois de ter contraído pólio, no dia em que fui liberada das intensas fisioterapias diárias.

pequenos agricultores familiares. Meus pais cursaram apenas a primeira série do Ensino Fundamental I. Minha mãe sempre trabalhou em casa e meu pai trabalhou a maior parte da vida como corretor de terras, embora tenha vivido a infância e trabalhado na juventude na agricultura familiar.

Cresci em meio à ditadura militar e me tornei deficiente física ao contrair poliomielite cerca de um ano e meio depois de nascer.

Recebi uma educação tanto em casa, quanto na escola, conservadora. Mas meu pai destoava um pouco porque não era muito patriarcal, tanto que estimulava as filhas a dirigir, trabalhar fora e dizia sempre que queria que estudássemos para nunca dependermos de alguém para nos sustentar. Mas estudar sempre foi um desejo meu também, porque desde pequena eu adorava estar entre cadernos e livros. Minha curiosidade sempre foi grande e nunca tive dificuldades de aprendizagem. Estudei em escolas públicas até o 8º ano. No então 2º grau, minha

<sup>4</sup> Citada em "The Delineator: Volume 99" - página 105, R. S. O'Loughlin, H. F. Montgomery, Charles Dwyer - The Butterick Publishing Co., 1921.

mãe, muito cristã, convenceu meu pai a me matricular no Colégio Santa Maria, próximo a nossa casa em Cascavel/PR, atitude que rendeu algumas dificuldades financeiras.

Meu desejo, assim como a maioria dos adolescentes de minha convivência que podiam estudar, era realizar um Curso de elite. Admirava médicas, dentistas, advogadas, engenheiras...Meu apreço ia além do fazer, ia em busca de melhores condições de vida, evidentemente. Hoje plenamente consciente



No centro, em fevereiro de 1990 na colação de grau da habilitação em Biologia, em Cascavel-PR.

dos determinantes históricos sociais do Brasil e meus, ao rever minha trajetória no “espelho” fortaleço minha percepção do quanto é imprescindível uma educação emancipatória que ao invés de uma formação para a heteronomia forme para a autonomia. Se a minha consciência moral tivesse sido construída a partir de trocas simbólicas não arbitrárias, tanto na família, quanto na escola, certamente teria evitado várias incompreensões na minha caminhada, o que teria me fortalecido muito antes da maturidade.

Em Cascavel/PR, só havia uma faculdade (FECIVEL) com poucos cursos. Não havia como eu cogitar ir para Curitiba estudar na UFPR, pois a primeira dificuldade era enfrentar a concorrência desleal com pessoas não oriundas da classe trabalhadora. Além disso, eu sendo mulher não tinha incentivo familiar e financeiro para ir morar longe e sozinha aos 18 anos. Com isso, optei por um curso que enfocasse as disciplinas que eu mais gostava: Ciências e Matemática.

Iniciei meu Curso na FECIVEL e minha dificuldade era chegar até a faculdade. Trabalhava 8 horas, saía do trabalho às 17:30 e dependia de caronas, pois o transporte público era precário e eu não chegaria a tempo para as aulas. Além disso, havia os riscos de voltar para casa sozinha após às 23h. Através de caronas e rachando o combustível consegui cursar um semestre, mas tive que trancar quando perdi a carona. Foi muito frustrante, mas no semestre seguinte prestei vestibular para o mesmo Curso em uma faculdade privada em Umuarama, cerca de 180 km de Cascavel. Eles ofereciam a possibilidade de assistirmos 15 aulas semanais e o restante com atividades domiciliares.

Incentivei mais colegas do meu local de trabalho e entrei em contato com um pessoal que fretava ônibus a partir de Capitão Leônidas Marques para irem até Umuarama estudar. Saíamos em torno de 17h de Cascavel, assistíamos aulas sexta à noite e sábado o dia todo, chegando de volta pelas 21h. Foram dois anos até concluir a Licenciatura curta em Ciências. No ano em que concluí (1985) me casei com o primeiro namorado e fui mãe de um menino um ano depois, filho único até hoje. Cresci numa cultura em que o “complexo de cinderela” era incentivado. Quando a FECIVEL oportunizou (1988) a complementação de Licenciatura em Biologia no período da tarde eu aproveitei a oportunidade e ingressei. Na ocasião eu já dispunha de um veículo, embora precário, mas que facilitou muito meu deslocamento, pois nesse momento eu já atuava como professora nos períodos matutino e noturno.

Quando me casei eu trabalhava como secretária no Colégio de Freiras em que fiz o 2º grau, mas fiquei por três anos apenas nesse cargo que assumi como auxiliar e rapidamente já era secretária geral do Colégio. Mesmo antes de terminar a licenciatura curta eu já estava em sala de aula substituindo professores de Ciências, Matemática, Química e Biologia no mesmo colégio, tanto no ensino fundamental II, quanto no ensino médio. No entanto, as freiras não admitiam me contratar como docente permanente para não perder a secretária. Com isso, passei a procurar em outros colégios uma oportunidade de trabalho como professora, até porque pagava-se melhor para professores do que a função que eu estava exercendo. Além disso, atuar estritamente na área administrativa não me agradava. Quando consegui ser contratada como docente de matemática numa escola de ensino supletivo privada pedi demissão do cargo de secretária. No entanto, no início do ano seguinte a diretora do Colégio foi até minha residência e me ofereceu 25 horas/aulas de Ciências, Matemática e Biologia. Com isso me senti muito valorizada e aceitei o convite prontamente, afinal me sentia em casa naquele Colégio, conhecia os professores e muitos estudantes. Desde o período em que fiz o 2º grau formávamos uma grande comunidade escolar. Todos nos empenhávamos em organizar festas e outras atividades para a melhoria da escola, incluindo, a criação da banda marcial. No entanto, cerca de quase dois anos após o convite em minha casa, a freira que dirigia a escola foi transferida e em seu lugar assumiu uma outra cuja concepção de escola e comunidade destoava da maioria. Com isso, as desavenças começaram e culminaram com a demissão massiva de 15 professoras, incluindo eu, que

era contestadora. Foi um duro golpe. Fiquei desempregada por 6 meses, com filho pequeno para sustentar. Após esse período difícil consegui aulas em um contrato CLT por três meses em Colégios Estaduais, o que se sucedeu até que eu fosse aprovada em concurso público em primeiro lugar na área de Ciências na região de Cascavel/PR. Durante cerca de 2 anos seguintes atuava 40 h no Estado com Ciências e mais 20h em outro Colégio cristão de Cascavel, ensinando Biologia no Ensino Médio. O número elevado de aulas era uma necessidade de sobrevivência, já que havia me separado. O desquite ocorreu aos 26 anos, no mesmo ano em que concluí a complementação em Biologia na hoje Universidade Estadual do Oeste de Cascavel (1990).



Posse em 7 de fevereiro de 1994 no CEFET/PR em Pato Branco.

Na sequência fiz concurso para um padrão de Biologia, cujo também fui aprovada e dessa vez em segundo lugar na região. No entanto, não cheguei a assumir, pois ambicionando uma oportunidade de cursar mestrado e doutorado com liberação (não havia *stricto sensu* no interior do estado) realizei também concurso para o Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, no campus de Pato Branco/PR para a área de Biologia Geral na carreira de Professora de Magistério Superior, no segundo semestre de 1993. Obtive a terceira colocação, embora ainda não tivesse realizado nenhuma pós-graduação e também não possuísse nenhuma publicação no currículo. Em fevereiro de 1994 tomei posse do cargo de Professora de Magistério Superior na classe auxiliar 1.

As primeiras disciplinas que me delegaram foram: Anatomia Humana, Metodologia de Ensino de Ciências e Botânica. Para dar conta de um nível aprofundado em todas elas eu passava as horas livres estudando, inclusive, nos finais de semana. Minha carga horária média de aulas sempre foi em torno de 12h ou mais h/aulas semanais e com a extinção do Curso de Licenciatura em Ciências do CEFET a partir do ano 2000 passei a atuar nas disciplinas de Botânica e Estágio Supervisionado na Agronomia e Biologia no Ensino Médio. No mesmo ano em que ingressei no CEFET, o professor Fernando Henrique Cardoso assumia a presidência do Brasil com uma



perspectiva fortemente neoliberal e por longos oito anos as Universidades e Centros Federais passaram por inúmeras dificuldades com a falta de recursos, além do congelamento de salários dos servidores. Várias greves ocorreram nesse período e minha posição foi por muito tempo de muita participação com o grupo do comando de greve local. No ano de 1998 uma paralisação interrompeu as aulas por 104 dias. Meu carro foi usado como carro de som e além disso, realizávamos eventos culturais e políticos. O artista argentino Dante Ramon Ledesma esteve conosco realizando um show emocionante nessa ocasião. Eu e vários colegas montamos uma barraca na praça central de Pato Branco e nos revezámos para mobilizar e informar a população. Chegamos a fazer 24 horas de jejum como apoio a [19 colegas de universidades federais que estiveram em greve de fome por 12 dias](#).

Nessa instituição aprendi muito através das vivências, ao mesmo tempo, em que construía uma capacidade de análise crítica profunda dialogando e estudando com o coletivo progressista presente que se opunha ao modelo arbitrário e antidemocrático de gestão institucional no CEFET-PR. Agradeço muito especialmente ao educador Eurides Rossetto e a educadora Mônica Apolônio, mentores, com quem aprendi a pensar acerca da realidade em sua concretude e que me oportunizaram leituras e diálogos riquíssimos para minha formação

Paralelo a isso os questionamentos sobre a identidade profissional e o sentido da educação me motivaram a buscar uma formação que aprofundasse minhas reflexões. Inicialmente cursei Especialização em Metodologia do Ensino Tecnológico (1994-1995), Curso



**Banca de defesa da dissertação de mestrado em março de 1998, na UFPR – setor de Biológicas, em Curitiba.,**

que o CEFET ofereceu aos sábados, em Pato Branco, depois mestrado em Botânica (1996 -1998) para atender a demanda da disciplina que era de minha responsabilidade. Tive como orientador o Professor Yedo Alquini, meu amigo até hoje.

Na sequência realizei meu doutorado (2000 – 2003) e construí minha [tese](#) refletindo sobre metodologias de ensino de Botânica na Agronomia. O doutorado foi um divisor importante, pois possibilitou que eu fundamentasse sem dogmatismos uma concepção de docência. O maior influenciador desse processo foi meu orientador, Valdo José Cavallet, a quem eu sou muito grata e tenho enorme admiração. O Professor Luiz Doni Filho foi muito marcante nessa fase também, pois a empatia que houve entre nós, me trouxe muita tranquilidade durante todo o processo. Foi durante o curso de doutorado que eu também conheci meu atual companheiro.



Defesa da tese de doutorado em outubro de 2003, na UFPR – Setor de Agrárias, em Curitiba.

Em 2009 não me conformando com as arbitrariedades e resistência às mudanças no campo educacional da UTFPR (Univers. Tecnológica Federal do Paraná, antigo CEFET) solicitei redistribuição para a UFPR litoral em Matinhos. Aqui fortaleci minha identidade docente e passei a compor um grande e ousado Projeto Político Pedagógico, inovador, inclusivo e contra hegemônico de educação superior.

Nessa instituição tive a oportunidade de coordenar a construção e atuar desde 2010 em um projeto de Curso de Licenciatura em Ciências, (in)disciplinar e com a participação dos estudantes em estágio curricular desde o segundo semestre do Curso, algo extremamente incomum nas licenciaturas, porém muito argumentado em inúmeras publicações. O processo metodológico principal do Curso até hoje é o de trabalho por projetos.

Além da atuação em vários cursos, nesses 10 anos na UFPR Litoral medie atividades intercursos de Interações Culturais e Humanísticas (ICH) e Projetos de Aprendizagem (PA) constantes no Projeto Político Pedagógico. Atualmente, juntamente com o educador Valdo José Cavallet estou na coordenação do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação. Esse não é apenas mais um curso de

especialização. Trata-se de uma rede em que um dos eixos é o curso formal e o outro a comunidade. Mais adiante comento mais sobre esse incrível e estimulante trabalho.



Servidores técnicos, docentes e terceirizados na UFPR Litoral em 2009, Matinhos.

*Para conhecer o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências e sobre a ANE – Curso de Especialização, acesse [PPP UFPR Litoral PPC Lic. Ciências Ações do Curso de Especialização ANE](#)*

*Para navegar contra a corrente são necessárias condições raras: espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão.<sup>5</sup>*

*Nise da Silveira*

<sup>5</sup> Núcleo de Arte Nise da Silveira. Disponível em < <http://nanisedasilveira.blogspot.com/2012/11/para-navegar-contra-corrente-sao.html> > Acesso em 02/09/2019.

## O tripé de engajamento obrigatório dos docentes universitários: Ensino, Pesquisa e Extensão

Ensino: das disciplinas na educação bancária às mediações de aprendizagens emancipatórias

*Método de ensino é a lógica filosófica de quem orienta a prática pedagógica(paráfrase)<sup>6</sup>*

Lilian Anna Wachowicz

O que costumeiramente a gente faz quando entramos pela primeira vez em uma sala de aula como docente? Imitamos nossos professores, não é mesmo? Eu buscava inspiração nos melhores educadores que eu havia tido. Sempre fui muito exigente com a aprendizagem dos estudantes e sempre me dediquei muito no preparo prévio das aulas. Lembro que nessa fase inicial, tive que ensinar genética no Ensino Médio em algumas aulas em que substituía uma docente em licença maternidade no Colégio Santa Maria de Cascavel. Para isso, me dedicava nos fins de semana a resolver todos os exercícios do livro didático e para além desses, em outros livros, afim de ir muito preparada às aulas. Sempre gostava de levar algo diferente, propunha desafios, aulas práticas e ouvia muito os estudantes. Numa ocasião, numa aula de laboratório para reconhecimento de estômatos no único microscópio que havia, alguns alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora me pediram para ver espermatozoides, pois nunca haviam visto, o que concordei e me comprometi a preparar uma aula em breve para os mesmos. Porém, para minha surpresa, enquanto me distraía atendendo todos os outros, os rapazes foram ao banheiro e trouxeram num tubinho os espermatozoides de algum deles. Apesar de me colocarem numa “saia justa”, evidentemente, preparamos a lâmina e todos puderam finalmente, conhecer uma célula tão importante à vida deles. Na mesma semana fui chamada à direção e por pouco não fui demitida. A freira diretora na época me alertou que só não ia fazê-lo

---

<sup>6</sup> Wachowicz, Lilian Anna. **O método dialético na didática**. 2a ed. - Campinas, SP : Papirus, 1991. - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

porque os estudantes eram do ensino médio e que ela havia conversado com os pais das meninas que reclamaram da aula e explicado que foi um ato não premeditado pela docente de Biologia. Isso, ficou por muito tempo me incomodando, afinal, porque tanto tabu por algo tão simples e natural da vida humana? Numa outra ocasião, eu consegui



Em aula prática no laboratório de Botânica na UTFPR campus Pato Branco, em 2008, com estudantes de Agronomia.

cartazes de várias doenças sexualmente transmissíveis e fiz uma exposição numa escola pública de ensino supletivo em que circulavam só adultos. Pasmem, mas a diretora retirou todos os cartazes no mesmo dia justificando que as imagens agrediam as pessoas. Esses eventos nunca reprimiram meu desejo de

possibilitar aos estudantes uma construção de conhecimento de qualidade, embora desafiador isso fez parte do meu desejo constante na profissão.

O ingresso na carreira docente do magistério superior em 1994 me colocou diante de outros desafios, cujo principal era elevar o máximo o nível do meu conhecimento sobre as disciplinas de minha responsabilidade. O estranho, no entanto, era ter que estudar temas muito distintos, como Botânica geral e Anatomia Humana. Além disso, dar conta de aulas teóricas e práticas em laboratórios escassos e que por 17 anos nunca tiveram a presença de um único laboratorista que nos auxiliasse nas aulas práticas. Apesar disso, nunca deixei de preparar aulas práticas. Chegava mais cedo, preparava tudo e ao final ainda limpava as vidrarias e outros materiais. Quando vejo hoje novos colegas docentes ingressando na carreira e se negando ao trabalho devido as condições não serem ideais me causa indignação, afinal lutar por melhores condições não nos isenta de fazer o possível em prol dos estudantes e da qualidade da educação. Já no período do governo do Partido dos Trabalhadores no Brasil, as condições das Universidades melhoraram muito. Na UFPR Litoral, por exemplo, desde que cheguei em 2009 nunca faltou laboratoristas ou materiais de laboratório, assim como transporte para as aulas de campo. No CEFET se quiséssemos fazer uma aula de campo, tínhamos

que contratar serviços de transporte particular já que em nosso campus havia apenas um ônibus disponível para os mais de 2000 estudantes.

Apesar de minhas críticas à gestão antidemocrática do CEFET/PR tenho que ressaltar algumas características positivas quando comparadas a outras instituições. A conjuntura da implantação do campus com cursos bastante distintos (já existentes na Instituição mista que havia sido incorporada) não possibilitou a departamentalização. Com isso, nossa lotação era nos Cursos, o que proporcionava a gestão e diálogos constantes entre todos os docentes de cada Curso. Isso é muito significativo em termos pedagógicos. Se por um lado a departamentalização favorece o desenvolvimento da pesquisa específica, por outro, dificulta a necessária contextualização e conexão intracurso. Em Pato Branco tínhamos reuniões semanais entre os docentes do Curso. Outras qualidades bem importantes dessa instituição são os serviços administrativos, a organização e a agilidade nos processos. A progressão docente desde que eu entrei em 1994 já era automática e simplificada. Um fato que colaborava muito para isso era a descentralização dos serviços.

Minha atuação em todas as disciplinas que ministrei lá sempre foi bancária (embora muito dialogada), pois o currículo era bastante engessado e as salas de aulas organizadas de modo padronizado com carteiras enfileiradas e com sinais de sirene entre uma aula e outra. Em função da nossa proximidade com colegas de curso era frequente que realizássemos atividades comuns a algumas disciplinas possibilitando um pouco de transversalidade, mas o foco disciplinar e o receio de não dar conta do conteúdo não favorecia plenamente essas atividades. Nas disciplinas de Botânica e Biologia o que mais me inquietava era a assepsia dos conteúdos. Tinha clareza que aqueles conteúdos não levariam a uma formação crítica dos estudantes, por isso, buscava metodologias que possibilitassem a contextualização. Não havia nos currículos dos cursos nenhuma possibilidade de atividades intercurso.

Os estudantes que atendíamos lá eram a maioria oriundos da classe média, já que os cursos eram bastante concorridos, mesmo os cursos noturnos. Lembro de perceber o nível cognitivo desses sempre bom, ao mesmo tempo que praticamente não havia estudantes deficientes, indígenas ou negros. Além disso, expressar o gênero livremente não acontecia.

Ao ingressar na UFPR Litoral em 2009 a motivação pela docência ampliou. Já conhecia o projeto pedagógico teoricamente, mas na prática é muito mais rico e desafiador, evidentemente. Embora com os vícios de uma atuação por 23 anos no sistema bancário de educação eu queria muito aprender a fazer diferente e diferença na formação dos estudantes.

Um dos grandes acertos da equipe que elaborou o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, finalizado em 2008 foi inserir um currículo base para todos os cursos,

ou seja, além das unidades curriculares de formação específica para o Curso dispensou-se carga horária para unidades de Interações Culturais e Humanísticas e também para Projetos de Aprendizagem. Essas unidades até hoje proporcionam aos cursos uma categoria extremamente relevante à



No Colégio Paulo Freire, em Pontal do Paraná, com estudantes da turma 2017 de Lic. em Ciências em atividade de estágio supervisionado.

formação integral que é a interdisciplinaridade. Estudantes de diferentes cursos se encontram semanalmente às quartas-feiras para realizarem um módulo com temáticas que variam semestre a semestre e sempre mediadas por um ou mais docentes. Já o tema na maioria das vezes é definido por demanda dos próprios estudantes. Isso além de ampliar conhecimentos possibilita relativizações do curso com várias questões.

Aprender vivenciando a mediação pedagógica na UFPR litoral ao longo de 10 anos me tornou um ser humano muito melhor. O fato de não haver a configuração disciplinar remete a nós educadores possibilidades ímpares de aprender com o coletivo e desenvolvermos mais humildade e consciência do nosso significado humano. Além do

real exercício de uma educação democrática a máxima de Paulo Freire “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes” já se tornou um *habitus* em mim.

Nós temos uma forte tendência ao egocentrismo desde o nascimento, muito bem discutido por Richard Dawkins em sua tese do Gene Egoísta, no contexto da teoria da evolução, preconizada por Charles Darwin. Também temos a necessidade de sermos reconhecidos pelos nossos pares. O fato é que, descartando os excessos de quem tem problemas de saúde mental, muitos de nós sucumbimos ao poder de sermos “dono de um conhecimento” quando nos especializamos num assunto. Eu em alguns momentos durante a minha carreira docente penso que devo ter sido arrogante diante dos estudantes, considerando-os de certa forma inferiores por não dominarem o assunto que eu dominava “em partes”. É nesse sentido que afirmo que me tornei um ser humano melhor, pois ao me convencer de que saberes são muito distintos e que o conhecimento científico/acadêmico é apenas um tipo de saber passei a ter mais humildade e reconhecer meu lugar no mundo com um pouco mais de clareza. Se considerarmos que o desenvolvimento cognitivo dos humanos ocorreu a cerca de 70 mil anos e que a Ciência existe em torno de aproximadamente 400 anos, ignorar os etnoconhecimentos e outros saberes é muito arrogante de nossa parte. Além disso, há o contexto da política científica no Brasil e no mundo em que os interesses privados se sobrepõem.

O processo de mediação de todos os módulos do Curso de Lic. em Ciências se dá na turma sempre em equipe de docentes, no modo de docência compartilhada. Com isso, tenho atuado, no mínimo, duas vezes na semana com Fundamentos Teóricos Práticos (FTP) em 8h/a semanais durante todo semestre. Isso permite uma relação muito mais próxima entre estudantes e docentes, possibilitando uma avaliação não punitiva, mas sim processual sobre a caminhada dos educandos. Sobre essas vivências de docência escrevi em parceria com colegas [artigo 01](#), dentre outros.

Numa perspectiva meramente quantitativa, pois aqui não caberia toda a análise qualitativa dessa minha trajetória na orientação da trabalhos acadêmicos, na graduação e na Licenciatura até o momento orientei trinta e nove estudantes em trabalhos de conclusão de curso e mais de cinquenta estudantes em seus projetos de aprendizagem, atividade que faz parte do currículo da UFPR Litoral e que não tem um formato



específico, por isso, sempre foi considerado na carga horária disciplinar dos docentes, não contando como orientação como no caso dos TCC.

No caso da orientação de trabalhos de conclusão vou destacar aqui o quanto meu aprendizado ao mediar a aprendizagem e avaliar estudantes levando em consideração a teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner e também o real significado de inclusão da diversidade são importantes. Uma das estudantes que orientei o TCC de conclusão de Curso de Licenciatura apresentava um quadro de dislexia o que dificultava suas leituras e sínteses. Adotei com ela ao invés de leituras de livros ou artigos que não atendem ao padrão de leitura para dislexos, assistir vídeos sobre os temas, evidentemente, com bons autores para que ela utilizasse na discussão. A redação do trabalho dela se deu em letra 14 e espaçamento duplo, pois era menos confuso para ela. No início do trabalho, como sempre oriento, ela relatava uma pequena memória de vida em que contava os motivos pelos quais seu trabalho não obedecia ao formato ABNT. Essa estudante além dessa condição já havia sido mãe aos 15 anos, tinha três filhos de pais diferentes e sofria violência doméstica. Ser educadora na UFPR Litoral, no ensino noturno, de cursos não concorridos por não serem da categoria de elite, me fez presenciar diariamente as características dos estudantes reais e aprender realmente o significado de inclusão e o quanto de modo geral as universidades pouco incluem. Isso ocorre possivelmente porque as perspectivas pedagógicas são da competição, da comparação, da padronização de resultados e da supervalorização das inteligências lógico matemática e linguística. Quando a universidade abre realmente as portas para o povo não há estudantes ideais, há sim estudantes reais.

Ao lembrar essas passagens de minha atuação no Ensino considero que para o exercício da docência o “olhar” mediador deve ser a alteridade. Educar é mediar o aprendizado de saberes, mesmo daquilo que a sociedade quer calar. Todo o restante é colonizar.

## Extensão: do precário ao fortalecido e comprometido projeto institucional

*"E eu tinha vencido. Amealhei dois diplomas de universidades de elite da Ivy League. Tinha um lugar à mesa na Sidley & Austin. Enchi meus pais e avós de orgulho. Mas, ouvindo Barack, comecei a entender que sua versão de esperança era bem mais ampla: eu me dei conta de que uma coisa era sair de um lugar empacado; outra, totalmente diferente, era tentar desempacar o lugar."<sup>7</sup>*

*Michelle Obama*

**N**o campo da extensão mesmo antes de ingressar no CEFET eu já atuava nos cursos de formação de professores, devido a convites das minhas professoras da Fecivel em Cascavel. Já no CEFET não havia uma boa política de extensão universitária, mas sim uma política de atendimento às demandas industriais e empresariais que possibilitavam a entrada de capital na Fundação (FUNCEFET na época e hoje FUNTEF), além de favorecer o pagamento de extras aos docentes. Atuei com algumas oficinas oferecidas nos laboratórios da própria instituição e em um Curso de Especialização gratuito que criamos na área da Educação do Campo. Para além disso, de 2004 a 2008 coordenei um projeto de pesquisa e extensão na área de arborização urbana em parceria com a prefeitura de Pato Branco que financiou bolsas para estudantes e também alguns equipamentos.

Ao ingressar na UFPR Litoral a imersão na extensão foi imediata. Comparada à política da UTFPR a UFPR litoral sempre deu ênfase à extensão e ao ensino, já que a pesquisa de alcance cosmopolita já tinha há mais de 90 anos o nicho em Curitiba. Além do que a região litorânea sempre permaneceu alijada de processos de desenvolvimento e de uma atuação universitária forte. Minha surpresa ao conhecer a frota de veículos foi grande, pois na UTFPR tínhamos apenas um ônibus, dois carros de passeio e uma Kombi para todo o campus. Já aqui encontrei uma frota enorme e muito ativa diariamente. Evidentemente, por ser um projeto de expansão federal os recursos eram fartos, mas não era só isso que ocorria, pois a gestão incentivava constantemente a extensão em todos os sentidos.

---

<sup>7</sup> Obama, Michelle. **Minha História**. São Paulo: Objetiva, 2018.

Minhas atuações na extensão foram inúmeras, pois a presença das Interações Culturais e Humanísticas e dos Projetos de Aprendizagens no PPP da UFPR Litoral favorecem isso. Muitas atividades até hoje acontecem nas comunidades e não apenas em Matinhos, mas em Paranaguá, Guaratuba, Antonina e Morretes. Essas atividades não são registradas como projetos de extensão e, portanto, constam em nossos currículos como atividades de ensino. Entendo que essa de fato é a ambição de muitas teorias acerca de currículos universitários, pois afinal é a própria indissociabilidade do ensino, da extensão e da pesquisa.

O primeiro programa formal de extensão em que ingressei na UFPR Litoral foi na área de Ciências Naturais e foi muito frustrante diante das expectativas que eu tinha. Primeiro diante da concepção do Projeto Pedagógico e em segundo porque eu vinha de um grupo de pesquisa e extensão da UTFPR muito coletivo. Na primeira reunião que eu fui chamada a participar havia um professor, vários estudantes e eu. As cadeiras estavam dispostas em fileiras e o professor falava e nós escutávamos. Fui me surpreendendo com a fala dele se restringia a necessidade de produção científica por parte dos estudantes. Era uma fala bastante arbitrária. Fiz algumas intervenções, mas senti que ali não havia espaço para questionamentos. Fiz uma tentativa de solicitar uma reunião com o coletivo dos docentes e que não resultou em nada. Com isso minha indignação foi crescendo e em poucos dias estava fora do grupo com liderança majoritariamente masculina. Mas aos poucos fui conhecendo e compreendendo o universo novo em que estava me inserindo e novos projetos e coletivos surgiram.

Em termos de registro oficial atuei em três projetos de extensão: Minha Universidade Lê, Feito à mão e atualmente, ANE – Alternativas para uma Nova Educação.

Atuei como colaboradora do Projeto de extensão Minha Universidade Lê, cujo objetivo era promover encontros culturais permanentes que estimulassem o compartilhamento de experiências estéticas, permitindo a ampliação das formas de ver e sentir o mundo. Esse projeto era destinado a estudantes, professores, funcionários e comunidade em geral, tendo sido realizado no Setor Litoral e na Matinfreira, em Matinhos. Constituíam-se de diversos eventos que promoviam a leitura de textos literários e a vivência cultural, tendo em vista a formação de leitores e o aprimoramento da formação profissional.

O projeto “Feito à mão” surgiu a partir de uma catástrofe natural que ocorreu em março de 2011 no litoral do Paraná ([notícia](#)). Foram na época 14.363 desabrigados e 2.487 desalojados, três mil residências ficaram danificadas e 540, destruídas, principalmente nos municípios de Morretes e Antonina. Em função de as famílias desabrigadas dependerem exclusivamente da renda da agricultura familiar, ao terem suas plantações e casas destruídas ficaram totalmente desamparadas. Com isso, muitos docentes e estudantes empreenderam esforços para oferecer atividades que pudessem oferecer alguma possibilidade de renda.

Eu já atuava mediando uma Interação Cultural e Humanística de artesanato, então nos dispusemos a levar a atividade para



D. Elza, artesã ensinando seu ofício de tecer.

Morretes imediatamente. Inicialmente, utilizamos o Centro de Artes de Morretes para realização do Projeto e por último utilizamos uma casa da Fundação Malucelli, numa chácara muito próxima a Morretes. Nesse projeto atuamos por cerca de 3 anos oferecendo a aprendizagens em entalhe e diversos outros tipos de artesanatos. Além disso, alguns estudantes ao entrarem em contato com a comunidade começaram a desenvolver Projetos de Aprendizagem. Um projeto marcante de uma estudante foi produzir um catálogo para uma artesã nativa. D. Elza aos seus quase setenta anos, foi também atuar conosco ensinando sua arte ancestral de tecer cipós para os desabrigados. No entanto, D. Elza nunca havia tido um catálogo com seus próprios produtos para divulgar. Ela utilizava recortes de revista em uma pasta. A estudante realizou um estudo denominado “A relação entre ciências e artesanato”, investigou sobre a natureza do cipó e realizou entrevistas com D. Elza. Ao final ofereceu como contrapartida 100 catálogos em forma de panfleto com fotos e com a história da artesã. Além disso, o projeto de extensão ao trabalhar tecnicamente como se fornece preço aos produtos artesanais fez D. Elza perceber que ganhava por hora trabalhada menos

do que uma diarista. Ela ignorava na sua conta o tempo que gastava com a coleta e o preparo do cipó, contava apenas o tempo em que tecia. Comerciantes de Santa Catarina vinham comprar os produtos de D. Elza e os revendia por cerca de 5 vezes mais caros em suas lojas na grande Florianópolis.

De Janeiro de 2013 a dezembro de 2015 coordenei o Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis cujo objetivo era proporcionar a imersão de professores da educação básica, educadores e líderes comunitários, prioritariamente das regiões do Vale do Ribeira e Litoral do Paraná, na discussão das temáticas da Educação Ambiental, com ênfase na promoção de espaços educadores sustentáveis. Ocorreram duas turmas com 150 vagas cada, semipresencial, com encontros a cada 15 dias aos sábados no setor litoral. Esse Curso foi fomentado através de edital pela SECADI – Secretaria de Alfabetização e Diversidade do MEC que concorremos. Realizamos no mesmo período dois eventos: I e II COLÓQUIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO LITORAL DO PARANÁ em que os TCC dos estudantes foram apresentados, além de outros trabalhos da comunidade acadêmica em geral. Para o Curso os docentes escreveram 5 livros que foram editados e distribuídos aos estudantes. Dos 300 estudantes matriculados, cerca de 60% concluíram o Curso. Número esse incomum em cursos à distância. Penso que o fato de ter sido semipresencial contribuiu para o resultado positivo.



Imagens relacionadas ao projeto de Extensão Feito à mão nos anos de 2011, 2012 e 2013.

Coordeno atualmente o projeto de Curso de Especialização e de Extensão ANE – Alternativas para uma Nova Educação que iniciou em 2017 e já está na segunda turma. O Curso é gratuito e todos os estudantes a partir do segundo semestre do Curso desenvolvem projetos de ações comunitárias no âmbito educacional em vários municípios: Curitiba e região metropolitana; municípios do litoral do Paraná; Arujá, Ibiuna e bairro de Heliópolis em São Paulo; e Palhoça/SC. O que integra esses territórios é o objetivo comum de fomentar as “comunidades de aprendizagens”, sendo Heliópolis (uma das maiores favelas do Brasil) já denominado e vivenciado como um Bairro Educador há vários anos, servindo então de grande referencial concreto para as nossas ações. O projeto envolve diferentes experiências (interexperencialidade), diferentes áreas de conhecimento (interdisciplinaridade), diferentes territórios (interterritorialidade), diferentes gerações (intergeracionalidade), diferentes culturas (interculturalidade) e diferentes instituições (interinstitucionalidade), sendo que o foco principal é constituir redes educacionais cujos pontos principais sejam escolas e que a partir dos projetos de cada estudante toda a comunidade se envolva e se empodere para educar cuidando dos bairros e cidades numa perspectiva de equidade, justiça social e sustentabilidade em todas as dimensões. Com isso, os estudantes criam e executam ações em suas comunidades tendo a colaboração de colegas de diferentes territórios que frequentam o Curso. Por exemplo, uma ação de extensão na Aldeia Guarani de Piraquara já realizada em 2018 contou com dois docentes da escola indígena que estavam matriculados no Curso de especialização (ANE). Esses propuseram ações de segurança alimentar, já que havia um problema concreto na aldeia que dependia de cestas de alimentos doadas e cujas tinham escasseado. Para isso, envolveram estudantes da escola, pais das crianças, colegas de curso de diferentes territórios em encontros para desenvolver hortas, construir forno de barro e realizar receitas de pães com todo o coletivo. Através de relatos dos egressos, essas ações continuam acontecendo na escola e possibilitou uma maior integração de toda a comunidade.



Imagens relacionadas ao projeto de Extensão Alternativas para uma Nova Educação nos anos de 2017, 2018 e 2019.

Coordenei em 2016, 2017 e 2018 a organização, respectivamente, das conferências de Alternativas para uma Nova Educação: I CONANE CAIÇARA, II CONANE CAIÇARA e III CONANE CAIÇARA. As duas primeiras conferências contaram com a participação de palestrantes e rodas de conversa, já a última além disso, os estudantes da turma 2017 da ANE apresentaram seus TCC de modo criativo e envolvente.

Um dos eixos mais inovadores do Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral sem dúvida é o de Interação Cultural e humanística (ICH). Inovador porque além de proporcionar a interdisciplinaridade, possibilita o protagonismo dos estudantes, atua como educação democrática e é uma forma de integração de ensino, pesquisa e extensão. Atualmente a UFPR discute como implantar a legislação que obriga os currículos conterem 20% de CH de extensão e encontra muita dificuldade em função de que majoritariamente os currículos dos Cursos de Curitiba e demais campi são conteudistas.

A inserção das ICH ocorre em todos os currículos dos cursos e às quartas-feiras em todo o período. Como já mencionei anteriormente, os estudantes de diferentes cursos se encontram semanalmente às quartas-feiras para realizarem um módulo com temáticas que variam semestre a semestre e sempre mediadas por um ou mais docentes. Considerando que nossos estudantes tem origens de todos os municípios do litoral, essa atividade também ocorre descentralizada. No semestre 2019-1, por exemplo, tivemos uma turma de mais de cem estudantes em Paranaguá e outra com mais de 40 estudantes em Antonina que inclui estudantes de Morretes. Já tivemos

também em Guaratuba e Pontal do Paraná em semestres alternados ou seguidos. Em Matinhos várias dessas atividades ocorrem fora do prédio da universidade. Por exemplo, desde o semestre 2018-2 estou mediando ICH na Associação de Moradores do bairro Vila Nova. Na primeira atividade o tema foi artesanatos, em que estudantes e moradores da comunidade realizaram o aprendizado de vários produtos. Nesse caso, tivemos variadas oficinas cujos principais protagonistas foram estudantes de Lic. em Artes. No semestre 2019-1 fiz a mediação compartilhada da ICH no bairro com o professor Manoel Flores Lesama, em que o tema era “Florescendo o bairro Vila Nova”. Estudantes (Agroecologia, Lic. em Ciências, Ciências Ambientais, Gestão e Empreendedorismo) e alguns representantes da comunidade fizeram uma horta comunitária e o ajardinamento e arborização da Rua Bom Sucesso, em que se localiza a Associação de Moradores.

De 2009 a 2019 mediei 20 atividades de interação Cultural e Humanística, dentre essas a atividade “Feito à mão” que se tornou projeto de Extensão formal permanecendo em Morretes por 3 anos. Os temas foram muito variados e mesmo as atividades que ocorreram no prédio da universidade contaram com a presença de representantes da comunidade. Por dois semestres fizemos vários mosaicos coletivos nos pilares da edificação da UFPR Litoral. Por um semestre realizamos atividades culturais e de lazer diversas na praça central um sábado por mês. Durante dois semestres estivemos no Colégio estadual Tereza Silva Ramos no bairro Tabuleiro, num desses realizamos sarau, oficinas de artesanato e rodas de conversa com estudantes do Colégio e no outro semestre construímos uma estufa para horta em estrutura circular de Bambu.



Interação Cultural Humanística Florescendo a terra 2019-1 – Associação dos Moradores do Bairro Vila Nova – Matinhos/PR.



Além das ICH estarem muito vinculadas a extensão, o estágio Supervisionado e os módulos do Curso de Licenciatura em Ciências têm muita conexão com a extensão. Para exemplificar, em 2018-1 o Módulo dos estudantes foi “Ciências Físicas e Químicas, Cotidiano e Prática de Ensino”. Os encontros (aulas) e o estágio aconteceram na Escola Estadual Tereza da Silva Ramos no período noturno mediados por três docentes em docência compartilhada. Esse Colégio se localiza num dos bairros mais violentos de Matinhos.



Algumas imagens dos momentos de Interação Cultural e Humanística.

Além de se desafiarem a preparar e mediar aulas experimentais sobre Ciências do Cotidiano, os estudantes puderam mediar conflitos inerentes à realidade concreta das escolas de periferias. Essa experiência está registrada num capítulo do livro de 10 anos do Curso de Lic. em Ciências que está no prelo na editora da UFPR.

O semestre 2019-1 o módulo foi “Vivências de Docência, Relação Ciências e Sociedade e Prática de Ensino” com mediação compartilhada por três docentes. Uma temática dessas sendo tratada apenas teoricamente não é tão significativa quanto se aliar a uma prática, por isso dialogou-se para que desenvolvêssemos as atividades em parceria com os moradores do Bairro Vila Nova de Matinhos, através da Associação dos Moradores. O bairro Vila Nova de Matinhos tem origem como área de invasão há 23 anos e até hoje a maioria dos moradores não tem a regularização fundiária. É um bairro

muito aliado de desenvolvimento quando se compara a Caiobá que fica muito próximo. A população desse bairro constitui-se de grupos de pobreza a extrema pobreza. Os estudantes então passaram a participar de reuniões com os moradores na Associação em horários de aula. Analisaram com isso as demandas do bairro, estudaram Tecnologias Sociais e produziram ações junto com os moradores para solucionar, a partir da Ciência, problemas encontrados em condições de muita pobreza. Algumas das ações realizadas foram: instalação de estrutura de coleta da água da chuva no barracão da Associação; construção de um bicicletário com pneus; limpeza e campanha de prevenção a Dengue; adequação de um espaço para biblioteca infanto-juvenil e adaptação de um banheiro para se tornar acessível às pessoas com deficiência.



Algumas imagens das atividades desenvolvidas no módulo de Lic. em Ciências 2019-1.

Quando aliamos as (com)vivências às teorias e saberes os significados são muito maiores, além de muitas vezes consolidarmos valores importantes para a compreensão da sociedade brasileira. Um depoimento de uma das estudantes na rede social (WhatsApp) da turma foi muito significativo: “Sou grata pelo que vivi ontem. Vi que a minha situação de vida é tranquila, que sou privilegiada, sim! Cada história, cada comentário me fez amadurecer enquanto pessoa, enquanto ser humano. E tive a ctz de que temos que lutar pelo bem sempre, fazer a mudança q seja um pouco pra melhor, sempre q pudermos.”

Ao lembrar essas passagens de minha atuação na Extensão considero que para o exercício de extensionista precisamos gostar de estar com as pessoas das e nas comunidades. O povo é que precisa dizer o que necessita da universidade, mas não só para originar projetos de extensão, mas também para as aprendizagens inerentes à formação profissional dos estudantes.

## Pesquisa: do desejo ingênuo à luz do real concreto de ser pesquisadora no Brasil

*Quando alguém pensa em um cientista, o esquema mental acionado, na maioria das vezes, é a de um homem em um laboratório. Essa imagem estereotipada reduz não só a própria atividade científica como o sujeito que faz ciência.<sup>8</sup>*

*Gisella Meneguelli Do Greenme*

Quando ingressei na universidade tinha uma concepção equivocada sobre a pesquisa. Me recordo dos primeiros sustos ao concorrer nos editais nos anos 1990 e início de 2000 e não conseguir financiamentos para os meus projetos. Hoje percebo o quanto era ingênuo ao submeter projetos com expectativa de conseguir ganhar os parques editais que haviam. Eu, oriunda da classe trabalhadora, mulher, tendo sido obrigatoriamente estudante de período noturno, sem nunca ter feito uso de políticas públicas na educação superior, como a iniciação científica, nesse caso, sem ter titulações, poderia ousar ter condições para concorrer a fomentos para pesquisa? Evidentemente, do mesmo modo que fui excluída muito antes de chegar ao processo seletivo vestibular para escolher cursos de elite, também já estava excluída da disputa na área de fomento para pesquisa, mesmo antes de ingressar por concurso no CEFET. O que naquela ocasião eu não tinha noção era de que a concepção de pesquisa no Brasil vinha sendo sumariamente copiada dos países desenvolvidos mantendo o mesmo perfil, elitista e mercantilista. Diferente de mim os poucos colegas que haviam tido a vivência na iniciação científica e que detinham capital social amplo, rapidamente passaram a acessar fomentos em seus grupos. Como o sociólogo Jessé de Souza comenta em seu livro “A Classe média no espelho” uma criança que convive num meio em que pessoas falam inglês, frequentam ricos espaços culturais através de viagens com a família e convivem com quem tem acesso aos importantes conhecimentos que incluem, sem ela saber já tem sua vida adulta muito facilitada e com grandes chances de acessar uma profissão de sucesso no mercado.

---

<sup>8</sup> Disponível em <<https://www.geledes.org.br/e-book-mulher-faz-ciencia-reune-historias-de-cientistas-brasileira/>> Acesso em 05/05/2019

Além da questão particular, nós éramos de um pequeno Centro Federal de Educação no interior do Paraná, sem cursos *Stricto sensu*, evidentemente sem grandes chances na concorrência com as grandes universidades dos maiores centros do país.

Embora, inicialmente dando conta apenas da área de Ensino na minha carga horária e das demandas dos cursos em que atuava, busquei rapidamente a minha formação continuada. A escolha pelo mestrado foi uma necessidade de melhorar a formação para a atuação na cadeira de Botânica que eu recebi após o concurso. Escolhi a Anatomia Vegetal como objeto de estudo, pois na ocasião, sem nenhuma orientação ou planejamento institucional eu não tinha clareza de que essa área não seria adequada, afinal pesquisa básica de alcance cosmopolita precisa de muitos equipamentos e mais pares da área e o CEFET em Pato Branco não tinha tal estrutura. Eu era a única da área. Mas enfim, me dediquei, concluí o mestrado no prazo e publiquei vários artigos decorrentes da dissertação ([artigo 02](#) [artigo 03](#) [artigo 04](#)). Ao retornar, participei de edital de Iniciação Científica e passei então a ter orientados na área de pesquisa. Lembro que os editais eram bastante concorridos já que havia escassez de bolsas para estudantes. Dois anos e meio após a conclusão do mestrado obtive liberação para o Doutorado e o objeto de pesquisa seria novamente para suprir uma carência na minha formação. Só que dessa vez a temática foi a Educação. Os resultados da pesquisa também geraram vários artigos ([artigo 05](#) [artigo 06](#) [artigo 07](#) [artigo 08](#)).

Ao retornar do doutoramento um colega me convidou para integrar o grupo de pesquisa dele na área de fruticultura. Fiquei muito indecisa, afinal não era uma área de minha experiência, mas ele argumentou que precisava de alguém que complementasse com a área de Botânica. Chegamos a ir juntos a Epagri/SC conhecer um grupo de pesquisadores e como ele havia feito pós-doutorado na França sugeriu que eu também fizesse o meu lá e que faríamos um belo trabalho juntos. Comecei a trabalhar com ele e cursar francês. Cerca de três meses depois percebi uma certa arbitrariedade por parte desse colega, me enviando artigos para escrever de pesquisas dele, me cobrando prazos. Eu sempre fui muito disciplinada no trabalho e comecei a me sentir muito incomodada. Ao refletir sobre meu papel junto ao colega e ao curso de Agronomia decidi dar um basta. Escrevi uma carta aos docentes do Curso colocando minhas indignações ao ser tratada desde o início do meu ingresso como alguém acessório e pedi “exoneração” do grupo de pesquisa que havia recém entrado. Lembro de apenas ter

recebido um e-mail de apoio de uma única colega mulher que estava de licença na ocasião.

Ao mesmo tempo que havia sido convidada pelo colega Agrônomo também havia sido convidada por outras colegas para participar de um outro grupo de pesquisa em Educação e desenvolvimento regional. Nesse grupo interdisciplinar éramos realmente muito coletivos e democráticos. Logo surgiu uma demanda (2005) com a temática da Arborização Urbana. Conversei com os colegas do grupo e achamos que a pesquisa poderia integrar a linha de desenvolvimento regional. O prefeito que havia sido eleito no final do ano anterior estava ávido para deixar a cidade mais acolhedora e nos aportou recursos a fim de que inventariássemos a arborização da cidade e apresentássemos um projeto de reestruturação. Com isso, coordenei o projeto (não remunerado) “Arborização de Pato Branco/PR: inventário e socialização do conhecimento” e pude contar com bolsistas e alguns equipamentos. Na mesma linha também coordenei o projeto de pesquisa “A paisagem do Campus Pato Branco da UTFPR: ambiente natural e construído e possíveis interações”. Esses projetos perduraram até 2008, já que em 2009 vim redistribuída para a UFPR litoral. Desses projetos derivaram orientações de Iniciação Científica e de outra natureza, conseqüentemente, vários artigos publicados ([artigo 09](#) [artigo 10](#) [artigo 11](#) [artigo 12](#)[artigo 13](#) [artigo 14](#) [artigo 15](#) [artigo 16](#) [artigo 17](#) [artigo 18](#)) dentre outros.

Essa atividade foi muito importante na minha trajetória universitária, pois hoje a cidade de Pato Branco apresenta uma arborização um pouco mais estruturada a partir dos manejos e dos inventários que realizamos em vários bairros. A cidade possuía no início do projeto cerca de 90% de árvores da mesma espécie o popular alfeneiro asiático, hoje não mais recomendado à arborização, inclusive por estar na lista do Instituto Hórus das espécies invasoras no Brasil. Após nossas recomendações muitas árvores foram substituídas por espécies nativas do Brasil e adequadas a arborização urbana. Depois de decorridos mais de 10 anos é muito gratificante ver fotos ou visitar a cidade e me deparar com a bela arborização hoje lá existente.



Destaque da arborização de Pato Branco em 2005 e 2018.

Infelizmente, um fato discriminatório comigo ocorreu nesse período. O presidente da Associação dos Agrônomos da região na época, assim que eu iniciei os trabalhos na arborização, comentou com um dos meus colegas de Curso que achava um absurdo “aquela bióloga aleijada” estar coordenando o inventário com verbas da prefeitura, pois quem deveria estar fazendo isso eram Agrônomos ou Engenheiros Florestais. Se meu colega não fosse um amigo, não tivesse me contado, eu não teria como relatar aqui o quanto os espaços ocupados por nós mulheres são desqualificados.

Entre 2007 e 2008 eu e outros colegas desse grupo de pesquisa da UTFPR criamos o programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – PPGDR [site PPGDR](#) que atualmente já conta com Doutorado. Atuei apenas em 2009 como docente de uma disciplina e depois me desliguei do programa. Pato Branco dista cerca de 600 Km de Matinhos, o que dificultaria a minha permanência no programa.

Após a redistribuição para a UFPR Litoral em 2009, precisei dar uma pausa na pesquisa a fim de conhecer e compreender esse universo novo e desafiador, diante de um projeto de **Uma Nova Alternativa Educacional**. Ao chegar identifiquei que aqui demandava principalmente educadores comprometidos com a mediação pedagógica para a emancipação humana e extensionistas dialógicos. Não titubeei, já que houve instantaneamente uma enorme identificação de concepção filosófica. Para isso, passei a não focar a minha formação em Biologia/Botânica, mas sim a principal, a de EDUCADORA, que afinal ainda havia muito a se constituir. Não foi um abandono literal, mas sim uma não ênfase na área, até para cessar convites para aulas de conteúdo, palestras, dentre outros na área de Botânica. A UFPR Litoral tinha apenas três anos de existência e nasceu com o propósito de focar no Ensino e na Extensão já que se tratava

de um projeto de universidade para o desenvolvimento regional e para a formação de trabalhadores para atender as demandas regionais e o desenvolvimento sustentável. A partir dessa tomada de consciência e também por não concordar com o mercantilismo da produção científica no Brasil, instituído pela CAPES, tomei a decisão de não mais fazer parte de Cursos *Stricto sensu*. O que facilitou também essa decisão foi o fato de a UFPR Litoral não contar ainda com esses cursos. O primeiro programa (Desenvolvimento Territorial) iniciou em 2014.

Com isso, passei a escrever em parceria com os colegas as nossas próprias vivências num projeto ousado, inovador e muito desafiador de educação superior ([artigo 19](#) [artigo 20](#) [artigo 21](#)). Em 2018, ao completar 10 anos do Curso de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral, redigimos um livro que está no prelo pela editora da UFPR com o título “Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral: 10 anos de Alternativas para uma Nova Educação”.

Em relação às orientações de pesquisa de especialização, mestrado e doutorado somei ao longo desses anos aproximadamente 40 estudantes.

Ao lembrar essas passagens de minha atuação na pesquisa considero que as mudanças que passei nessa área me possibilitou um resultado muito importante, principalmente, porque a interdisciplinaridade me deu o que a especialidade nunca daria: a capacidade de olhar a vida de modo mais circular e com isso, melhorar minha atuação no campo educacional.



## Cargos administrativos e homenagens

"O patriarcado é também uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, sexuais, de raça, de classe, de idade, de plasticidade. O feminismo é o contradispositivo, uma espécie de agulha que fura essa bolha."<sup>9</sup>

Marcia Tiburi

Eu sofri redução de possibilidades de assumir cargos administrativos durante a minha trajetória, ainda mais sendo mulher no interior do Paraná, mas só tomei consciência disso depois da metade da carreira em diante. O impressionante é que não ser cotada ou ignorada, como a maioria das mulheres com quem trabalhava era visto com muita naturalidade, 99% dos postos de chefias eram de homens. Na UTFPR atuei mais tempo no Curso de Agronomia, em que 90% dos docentes eram homens e Agrônomos. Embora não houvesse função gratificada disponível e a função de coordenação ser administrativa e pedagógica eles definiam entre eles, homens, quem coordenaria. Evidentemente que as atividades como coordenação de estágios que não tinha muita visibilidade, eles não se habilitavam e, no tempo em que estive lá, sempre foi uma mulher docente quem coordenou e pra isso eu fui indicada.

Desde que cheguei ao CEFET e que a direção de ensino da época me delegou a disciplina de Botânica, tive que assumir a responsabilidade do Laboratório de Botânica, embora isso significasse apenas a responsabilidade patrimonial e todas as aquisições e cuidados com tudo que acontecia lá. Nunca me incomodei por isso, todo o período que estive lá cuidei do laboratório como cuidava da minha casa, mas sem nenhum auxiliar para o trabalho e nenhuma qualificação financeira extra, exceto o abono obrigatório de insalubridade.

De 2005 a 2007 atuei como representante de área de exatas junto ao Conselho de Ensino da UTFPR a partir de consulta a todos os docentes da mesma área do Campus Pato Branco. Não era uma atividade concorrida porque nisso implicava viajar mensalmente de ônibus da instituição até Curitiba, cerca de 480 Km. Mesmo assim eu

---

<sup>9</sup> Tiburi, Márcia. **Feminismo em Comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

era a única mulher do grupo nesse período dentre todas as áreas representadas. Adquiri muita experiência no que se refere a política e normalização institucional. Enfrentei alguns desafios internos em função de alguns processos em que as decisões no Campus haviam sido arbitrárias.

Ainda na UTFPR assumi no ano de 2007 a direção do Núcleo Sindical do SINDUTFPR, cargo que me exonerei antes do fim do mandato por descontentamento com a concepção de sindicato naquele momento.

De 2009 até 2012 participei ativamente do Conselho Diretivo da UFPR Litoral que funcionava por assembleia, um processo de democracia participativa bastante avançado e muito envolvente. Nos reuníamos todas as sextas-feiras à tarde, docentes, servidores técnicos e estudantes para dialogar, planejar e realizar atos pedagógicos e administrativos. Infelizmente, esse processo foi inviabilizado pela reitoria da época ao obrigar a regimentação. Mesmo com isso, construímos um regimento mais paritário comparado aos outros setores da universidade, mas a paridade não foi mantida nos conselhos superiores, obrigando-nos a regredir e aderir a democracia representativa, tal qual em todos os setores da UFPR.

Em agosto de 2010 assumi a coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências por um ano com o desafio de coordenar a redação do Projeto Político Pedagógico do Curso, o qual foi aprovado já em 2011 no CEPE e em seguida, 2012, obteve conceito 4 no MEC. Sobre o PPC escrevi com mais dois colegas um artigo que o descreve [artigo 22](#). Cabe destacar que esse Curso tem sido extensamente visitado e estudado, tendo já gerado mais de cinco trabalhos de pesquisa de mestrado e doutorado. Aqui [Curso de Lic. em Ciências](#) você pode acessar a página do curso e na página inicial ao final dela todos os trabalhos de pesquisa sobre o Curso. Depois assumi em outro momento a vice-coordenação do Curso por dois anos.

De 2007 a 2015 atuei como avaliadora de Cursos do INEP/MEC e realizei pelo Brasil em torno de três a quatro avaliações por ano. Oportunidade essa valiosa em função de conhecer inúmeras instituições de ensino superior, especialmente os Institutos Federais instalados em regiões de pobreza e cujos depoimentos dos estudantes foram sempre muito emocionantes.

De 2013 a 2015 propus e coordenei o Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis em que formamos duas

turmas. De 2017 até o momento coordeno com uma equipe o Curso de Alternativas para uma Nova Educação. Ambos gratuitos.

Quanto as homenagens como docente recebi em 1999, 2012, 2015, 2017, 2019 (professora homenageada), em 2004, 2013, 2014 (Paraninfa).



Colações de grau do Curso de Licenciatura em Ciências.

## E agora?

*Quero muitas coisas, algumas a longo prazo, outras a curto prazo, algumas vezes não saem conforme o esperado, mas sempre tenho um plano B, e se o plano B falhar... o alfabeto é extenso.<sup>10</sup>*

Carolina Maria de Jesus

**P**ara mim a melhor parte da minha profissão sempre foi estar entre os estudantes interagindo e aprendendo com eles, assim como mediando suas aprendizagens. Penso que a minha identidade docente hoje está bastante consolidada, embora tenha clareza de que sempre temos algo a aprender. Os saberes são muito diversos e como aprendi com Paulo Freire, ninguém sabe mais que o outro, todos nós temos saberes diferentes, independente de termos estudado formalmente ou não.

Lembrando da minha trajetória como educadora mulher e também deficiente, penso que busquei oportunizar aos estudantes que passaram por mim muitos diálogos sobre diversidade e que eu espero tê-los mobilizados. Lembro de na minha Licenciatura nunca ter sequer ouvido falar em acolhimento às pessoas com deficiência ou aos direitos das mulheres. Essa semana vi uma entrevista antiga da cantora Nara Leão em que ela disse que não tinha nenhuma noção dos morros e da pobreza do Rio de Janeiro quando no início da Bossa Nova ela criava músicas com seus amigos no apartamento enorme de seus pais de frente para o mar. Só quando ela começou a frequentar espaços de samba nos morros é que ela se deu conta de que o mundo dela não era o mundo. Comigo e, provavelmente, com você que está lendo também foi assim, embora minha classe social e a da Nara Leão sejam muito distintas. **Nós NECESSITAMOS estar em contato com a diversidade humana e as diferentes maneiras de viver o máximo possível para podermos nos constituir em seres humanos melhores. Nós não podemos pensar**

---

<sup>10</sup> Frase extensivamente divulgada e atribuída a Ana Carolina de Jesus. Escritora que ficou visível com o lançamento de sua primeira obra “Quarto de Despejo” em 1960, cujo vendeu mais de 10 mil cópias logo de início.

pelo outro com a nossa lógica ou até afirmar que sabemos o que o outro sente na pele. Por isso, a docência é algo muito, muito sério e que infelizmente para ser professor(a) basta provar que é especialista em um assunto.

Estudantes precisam se sentir acolhidos em sua diversidade na universidade, precisam saber que nessa poderão usufruir de autonomia no ir e vir e no atendimento as suas necessidades individuais de aprendizagem ou de outra natureza. Mas para isso, antes mesmo do ingresso eles tem que saber que na universidade há boas condições para eles. Só assim se encorajam ao vestibular. Por exemplo, algo muito simples, mas que inviabiliza a autonomia de pessoas com redução de mobilidade ou com uma necessidade especial temporária: a presença de corrimões adequados nas escadas. No CEFET Pato Branco, não havia elevadores e os corrimões só foram colocados nas escadas por demandas minhas, enquanto professora. Na reitoria da UFPR em Curitiba, em pleno 2017, tive que “brigar” para poder estacionar o carro no estacionamento das chefias, já que não há vagas internas para pessoas com deficiência. As vagas que existem para pessoas com deficiência no entorno devem ter cartões de estacionamento o que inviabiliza a presença para atuar num curso de 8 horas como foi meu caso.

Nunca desempenhei o papel de vítima e não gosto de assistir pessoas com esse perfil. Esses exemplos são muito insignificantes diante de inúmeras histórias de discriminação e preconceito que acontecem diariamente nas universidades brasileiras. Reivindicar direitos nossos e exigir democracia dos nossos chefes é muito comum, mas quando um docente universitário pisa numa sala de aula geralmente esquece de aplicar o mesmo que exige. Eu devo muito a UFPR Litoral e ao coletivo todo que me ajudou a compreender e vivenciar a educação democrática dentro e fora da universidade.

Considero ainda relevante relativizar a questão do tratamento dado às mulheres na universidade e mais especificamente no meu caso. Não vejo nenhum problema em sermos lideradas por homens que se constituíram através de uma educação patriarcal, cujos são a maioria nas universidades e que muitas vezes não se dão conta dos seus preconceitos culturalmente construídos. Tudo depende da causa que nos una. Se for uma causa coletiva e para o bem comum temos que ir ajudando-os a perceber seus preconceitos e focar na causa maior que é o trabalho coletivo. Já vi mulheres “jogar” uma pessoa no lixo por causa de uma atitude machista, sem conhecer a luta histórica daquela pessoa pelos direitos humanos. É preciso ter alteridade com todos. Na minha

história eu não me submeti a homens que na universidade tinham a causa vinculada a vaidade e ganhos pessoais. Se tivesse havido o mesmo caso com mulheres eu também não me submeteria.

Agora o que pretendo na minha caminhada é continuar junto na militância pela educação na perspectiva democrática, contra hegemônica e emancipatória, com mais força e dedicação na mediação de processos formais e informais que possibilitem um envolvimento comunitário de modo que cidades e bairros possam realmente quiçá serem territórios educadores.

Muito obrigada!

Obs: abaixo algumas imagens da defesa deste memorial. Minha alegria foi imensa quando mulheres da comunidade (bairro Vila Nova em Matinhos) estiveram presentes nesse solene momento da minha caminhada na educação.

Minha banca foi composta pelos educadores: Prof. Dr. Carlos Augusto Moreira Junior – UFPR (presidente), Profa. Dr<sup>a</sup> Ionete Hasse – IFPR/PR (Titular), Profa. Dr<sup>a</sup> Lindamir Salete Casagrande – UTFPR/PR (Titular), Profa. Dr<sup>a</sup> Branca Jurema Ponce – PUC/SP (Titular).



